

Desvalorização abala imagem externa do País

Nos EUA, muitos temem que o presidente reeleito não consiga controlar a oitava economia do mundo

MONICA YANAKIEW

Especial para o Estado

WASHINGTON – Apenas três semanas depois de ter sido reconduzido ao cargo por um número recorde de eleitores, o presidente Fernando Henrique Cardoso está com sua imagem arranhada no exterior. Nos Estados Unidos – cujo governo convenceu outros 19 países ricos a contribuir para um pacote de ajuda financeira ao Brasil, de US\$ 41,5 bilhões – muitos temem que o líder da América Latina tenha perdido o comando político, já nos primeiros dias do segundo mandato. E o que é pior: que o homem responsável pelo primeiro período de estabilidade econômica, em meio século de história brasileira, não consiga controlar a oitava economia do mundo.

Não foi à toa que, numa reunião com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, na quarta-feira, em Nova York, uma dúzia dos maiores investidores americanos no Brasil tenha feito uma sugestão: o governo do Brasil precisa informar melhor os mercados sobre os meandros da política nacional. Segundo uma fonte do Tesouro dos EUA, o que mais prejudica o real no cenário atual é a falta de credibilidade. Recuperar os danos causados à sua imagem pelos erros das lideranças políticas deve ser prioridade do País. Um participante do encontro, realizado na sede da Reserva Federal de Nova York – o braço regional do Fed, o banco central dos EUA, encarregado de supervisionar os bancos americanos que mais investem no Brasil – disse que ninguém entendeu a derrota do governo no Congresso, dia 3.

Os parlamentares se recusaram a aprovar a medida provisória que obriga os servidores públicos federais inativos a contribuir para a Previdência Social, além de elevar a contribuição dos ativos. “Essa derrota foi um grande divisor de águas”, disse. “Visto de fora, é difícil entender que um presidente, reeleito com milhares de votos, não te-



Jose Paulo Lacerda/AE

FHC: estrangeiros temem que ele tenha perdido o controle da economia

nha conseguido reunir o suficiente número de parlamentares para votar uma importante medida de ajuste fiscal”, explicou Peter Egon de Svastich, presidente do banco de investimentos Westhem International.

Para muitos, a impressão de que o governo perdera o controle da economia se confirmou no dia 13, quando o Brasil mudou a política cambial que tanto defendera e obrigara o Fundo Monetário Internacional a apoiar publicamente, sem qualquer aviso prévio. “O secretário do Tesouro, Robert Rubin, estava furioso por só ter sido informado, uma vez que a decisão já tinha sido tomada”, disse um banqueiro. “Ele fez papel de bobó: com o FMI, ele obteve para o Brasil um pacote de ajuda financeira muito maior que o esperado, partindo da premissa de que a política cambial seria mantida.” Segundo ele, foi para acalmar os ânimos que Malan visitou os EUA na semana passada. A visita foi encerrada na quarta-feira – uma semana depois de ter instituído a incompreensível “banda diagonal”, que

foi substituída 48 horas depois pelo câmbio livre.

Durante cinco dias ele recebeu duas sugestões contraditórias: uma do FMI, de manter os juros altos para controlar a inflação, e outra do megainvestidor George Soros, de baixá-los. Mas a maioria das pessoas consultadas acha que nesse momento não há nada o que se possa ou deva fazer, a não ser esperar que os mercados se acalmem e o real adquira algum grau de estabilidade. “É questão de ter calma e agüentar dois ou três meses, sem ceder às pressões para fazer novas mudanças”, disse Arturo Porzecanski, economista-chefe para as Américas do banco de investimentos ING Barings (que previu a mudança de câmbio e acha que foi positiva).

Para ajudar o Brasil a superar a crise, FMI, Banco Mundial e o Tesouro norte-americano manifestaram apoio à nova política cambial, durante a visita de Malan. Mas a reação dos bancos europeus preocupa o governo. Os europeus só contribuíram para o pacote de US\$ 41,5 bilhões por insistência dos EUA, que tinham mais interesses no País.